Uma carta (quase) americana: o diário de bordo de Sartre¹

Adson Cristiano Bozzi Ramatis Lima

Arquiteto e urbanista, professor adjunto do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Rua Duartina, 109, torre sul, apto. 304, Zona 21, Maringá, PR, CEP 87080-440, (44) 9709-2500, (44) 3226-1096, acbrlima@uem.br

Resumo

No ano de 1946 o filósofo francês Jean-Paul Sartre empreendeu uma segunda viagem aos Estados Unidos da América. Como fruto literário desse percurso tivemos a redação dos seguintes ensaios: *Individualisme et conformisme aux Etats-Unis*, *Villes d'Amérique*, *New York ville coloniale* e *U.S.A Présentation*. O objetivo desse artigo é analisar uma carta endereçada a Simone de Beauvoir, escrita no cargueiro militar que o conduziu ao país norte-americano, na qual ele narra o longo trajeto em alto mar. Acreditamos que a análise dessa missiva pode levar a um melhor esclarecimento dos já citados ensaios, que possuem um caráter bastante pessoal.

Palavras-chave: Jean-Paul Sartre, Estados Unidos da América, narrativas de viagem.

A nobreza, que deixara os homens para se refugiar nas palavras, deixou as palavras para se refugiar nas coisas, e, acossada por toda a parte, desapareceu do mundo.

Jean-Paul Sartre. Diário de uma Guerra Estranha.

¹ Esse artigo é o último de uma série de vinte e dois artigos científicos, publicados ao longo de quatro anos em diferentes periódicos nacionais, sobre as relações que o filósofo francês Jean-Paul Sartre logrou estabelecer com as cidades que conheceu nos Estados Unidos da América e na Itália.

² Sartre escreveu um diário íntimo enquanto esteve mobilizado, que foi publicado postumamente com o título, justamente, de *Cahiers de Drôle de Guerre*. Esse último termo, que poderia ser traduzido para o Português como “Guerra Estranha”, refere-se ao período de muitos meses que se seguiu à declaração de guerra dos aliados contra ...continua próxima página...

Em um tempo em que não havia internet e nem redes sociais, o ofício da missiva era, não raro, considerado uma arte, e intelectuais e artistas mantinham entre si uma correspondência que podia ser longa e copiosa. Essas cartas, uma vez recuperadas, podem ser uma fonte posterior de conhecimento dos métodos de trabalho, das motivações estéticas, ou, simplesmente, podem ser fontes de consulta para biógrafos. O filósofo francês Jean-Paul Sartre nos legou, como sabemos, uma obra realmente monumental, tendo escrito tratados filosóficos, ensaios políticos e literários, peças teatrais, contos, novelas e romances; e, caberia acrescentar que, motivado pelo seu notável *pathos* da escritura, dedicou-se, igualmente, ao gênero epistolar. A sua companheira Simone de Beauvoir recuperou as cartas que o filósofo lhe enviou, do ano de 1940, quando este estava mobilizado junto à fronteira com a Alemanha nos tempos da *Drôle de Guerre*²,

até o ano de 1963, quando a correspondência foi substituída por telefonemas. Essa compilação resultou no livro *Lettres au castor et à quelques d'autres*,³ tendo sido publicada três anos após a morte do filósofo.

Essa correspondência nos permite conhecer algumas rotinas de Sartre, como os períodos em que trabalhava doze e até quinze horas diárias (o que nos explica, ao menos em parte, a monumentalidade da sua obra), as leituras que fazia e até mesmo a evolução do seu trabalho; por outro lado, essas mesmas cartas nos revelam o lado mais humano, prosaico e familiar de Sartre e do seu *entourage*⁴ (as narrativas anedóticas sobre Merleau-Ponty, por exemplo, não são nada edificantes para alguém que se dedicou ao estudo da Moral). Essa correspondência nos permite, igualmente, traçar a trajetória da sua notoriedade: sabemos, por exemplo, que em 1940

...continuação nota 1...

a Alemanha, no qual nada acontecia, e que antecedeu o avanço avassalador e irresistível das tropas do regime Nazista.

³ Sartre, Jean-Paul. *Lettres au Castor et à quelques d'autres*. Édition établie, présentée et annotée par Simone de Beauvoir (1940-1963). Paris: Gallimard, 1983. Sartre, muitas vezes, reservava apelidos carinhosos para as suas companheiras: Simone de Beauvoir era "Castor" e Simone de Jolivet era "Toulouse". Salvo indicação, todas as traduções do Francês para o Português são de nossa autoria.

⁴ Sobre as cartas como narrativa de viagens escreveram Brunel, P.; Pichois, CL. e Rousseau, A. M.: "Essas viagens voluntárias e involuntárias, que se sacrificam à moda ou cedem à necessidade, produziram uma literatura abundante: coisas vistas e ouvidas, contadas oralmente ao retorno, que puderam fecundar imaginações, mas das quais se perdeu a pista; ou consignadas no papel, em formas diversas, desde simples notas rabiscadas num pequeno caderno (Montesquieu) até o relato de viagem (Chateaubriand), passando pelo diário de viagem (Montagne) e pela carta (de Broses), sem esquecer o panfleto enraivecido (*Pauvre Belgique!* de Baudelaire; as páginas de Léon Bloy e de Céline contra a Dinamarca)" (1995, p. 23).

⁵ "E Doroty Norman [jornalista do *New York Post*], já sensível à legenda parisiense, repercuta, por sua vez, do outro lado do Atlântico os rumores de que mulheres desmaiavam, símbolo pertinente para o público americano da qualidade dos seus escritos! *Harper's Bazaar* vai até ao ponto de encomendar a Simone de Beauvoir um retrato de Sartre que fosse bem íntimo, o mais inédito possível, e que publicam com o título provocativo: 'Jean-Paul Sartre: estritamente confidencial' no momento da sua chegada a New York. 'Ele detesta o campo. Ele abomina – e a palavra não é forte demais – a vida pululante dos insetos e das plantas verdes...' Castor não usou meias medidas, entrando diretamente no tema: rapidamente, os ...continua próxima página...

uma revista japonesa lhe havia encomendado um artigo de oito páginas, com a alegação de que "as suas obras eram muito apreciadas no Japão" (Sartre, 1983, p. 58). E no mesmo ano recebeu a notícia de que a sua coletânea de contos *Le mur* havia sido traduzida para o Japonês, fato que deixou até a ele mesmo em dúvida (Sartre, 1983, p. 76). E em 1945 e 1946 já temos um panorama traçado, entrevisto pela correspondência, de um intelectual já famoso – e polêmico – tanto em seu país quanto internacionalmente.⁵

Contudo, não nos interessa – ao menos nesse momento – o conjunto das cartas trocadas por Sartre e Beauvoir, mas uma única, escrita no dia 31 de dezembro de 1945, a bordo do cargueiro militar *Liberty Sheep*, que o levava à cidade de New York. Mas o filósofo não era um neófito urbano em relação à metrópole norte-americana, posto que a havia conhecido no início de 1945, quando viajou aos Estados Unidos da América como correspondente de guerra a serviço dos jornais franceses *Le Figaro* e *Le Combat*.⁶ Acreditamos que uma análise dessa carta em especial possa lançar alguma luz sobre a fatura dos quatro ensaios que Sartre escreveu sobre o país norte-americano, a saber: *Individualisme et conformisme aux Etats-Unis*, *Villes d'Amérique*, *New York ville coloniale* e *U.S.A Présentation*, publicados na coletânea *Situations III* no ano de 1949. Esses ensaios, contudo, eram apenas parcialmente inéditos, uma vez que tinham sido o resultado do remanejamento de seis das trinta e duas reportagens que ele publicou nos jornais franceses em 1945.⁷

Assim, o objetivo desse artigo é, principalmente, analisar e descrever as condições de trânsito de Sartre durante os dezoito dias em que esteve no cargueiro, enquanto aguardava, com um misto de ansiedade e de tédio, o reencontro com a cidade de New York e com a sua amante norte-americana Dolorès Vanetti⁸, que havia lhe sugerido que fizesse essa estadia nos Estados-Unidos da América⁹. Para finalizar esse capítulo introdutório faremos dois acréscimos de caráter metodológico: por certo que não se explica a "criatura" pelas vicissitudes biográficas do "criador", porém, como os três ensaios de Sartre aqui evocados são de caráter pessoal, acreditamos que tal abordagem se justifique¹⁰. Além disso, a narrativa epistolar de Sartre pode ser compreendida como o subgênero literário denominado "narrativa de viagem"¹¹, texto no qual um escritor viajante

narra as suas aventuras e desventuras em terras – ou mares – desconhecidos, e isto implica que o autor seguiu alguns topoi dessa literatura, como o tédio e o estereótipo.

A carta (quase) americana de Sartre

Inicialmente, Sartre descreveu em sua carta o projeto de viajar por mar em um cargueiro até os Estados-Unidos da América como "saboroso", sobretudo devido ao nome deste: *Liberty Sheep*; ora, como sabemos, uns dos conceitos fundamentais da sua filosofia era, justamente, a liberdade. Contudo, esse sentimento positivo cedeu lugar para um indefinível *ennui*, quase uma *nausée*; mas ele, ao usar esse último termo, não estava se referindo ao tão conhecido enjoo de mar¹² e nem ao conceito que ele havia cunhado na novela de mesmo nome, mas a um sentimento no limite do impreciso e do indefinível, uma espécie de *vague-à-l'âme* ressentido em meio ao vazio do oceano:

É extraordinário, tem-se a impressão que o vento e as ondas [Em Francês: vagues] lhe esvaziam a mente. Não se pode fazer nada senão conversar indefinidamente ou olhar indefinidamente o mar no qual o movimento das ondas substitui o movimento das ideias na minha cabeça. Eu tentei vinte vezes escrever o meu artigo sobre Materialismo e Revolução¹³, e toda vez eu sou tomado por um intolerável ennui diante do papel branco, uma espécie de nausée (Sartre, 1983, p. 329).

A questão do *ennui* não foi, de fato, anunciada em vão pelo filósofo; esse sentimento, que tem uma larga fortuna nas letras francesas¹⁴, compareceu nos já citados ensaios escritos sobre os Estados Unidos da América, como se pode ler nessa frase: "Não podemos esquecer do espesso tédio [*ennui*] que pesa sobre a América" (Sartre, 1999, p. 30). Sartre fazia referência a uma cena que teria assistido em alguma obscura cidade norte-americana, na qual em um salão de restaurante uma família comia em silêncio um "*cocktail* de camarão e um peru com recheio doce enquanto ouvia um órgão elétrico" (Sartre, 1999, p. 30). Aparentemente, o nosso autor compreendeu como *ennui* certa conduta dos norte-americanos, para quem uma refeição não seria, como na França, uma ocasião para interações sociais; ora, deve-se observar que Sartre compreendeu aquela cena a partir dos seus "filtros culturais"¹⁵, e, nesse

...continuação nota 5...

americanos descobriram uma série de segredos sobre os gostos íntimos e cotidianos desse novo herói, — como o seu ódio pela clorofila ou o seu desgosto diante de pratos de carne crua” (Cohen-Solal, 2005, p. 463). A descrição da sua renomada biógrafa nos apresenta a celebridade de Sartre, já em 1946, nos dois lados do Atlântico.

6 Segundo Simone de Beauvoir as poucas cartas que Sartre lhe escreveu dos Estados Unidos da América no ano de 1945 foram perdidas (Sartre, 1983, p. 323).

7 “Sartre foi um bom jornalista?” Pergunta-se Michel Contat, que responde: “A questão deve, ao menos, ser colocada. Um bom jornalista evita se envolver demais e conserva certa distância. Sartre ama ser amado e detesta falar mal dos hospedeiros que o recebem com confiança. Ele transmite as cifras e as informações que lhe fornecem — sobre tal barragem, sobre a construção dos aviões Boeing —, as comenta favoravelmente sem, evidentemente, conhecer o assunto. A armadilha americana na qual ele, em parte, caiu (com exceção do estatuto dos negros nos estados do sul) estará armada de novo, mais tarde, na China, na União Soviética e em Cuba” (Contat, 2005, p. 88). Dito de outra maneira, segundo Contat muitas das reportagens que Sartre escreveu são literatura de alta qualidade (como *Un pays ou l'on n'est jamais seul* e *Chaque jour, naît une cité. Chaque jour meurt un village*), mas quando ele fazia “jornalismo propriamente dito” escrevia textos enfadonhos com cifras provavelmente falseadas, para desilusão de Albert Camus, na época secretário de redação de *Le Combat*.

8 Dolorès Vanetti não tinha, contudo, nascido em solo norte-americano: ela era uma francesa filha de pai italiano e mãe etíope, mas era casada com um norte-americano e estava radicada nesse país havia já muito tempo. Foi Vanetti a responsável por conduzir Sartre na sua primeira viagem aos Estados Unidos da América, uma vez que o filósofo possuía apenas alguns rudimentos do Inglês.

sentido, não é de se estranhar que o *ennui* esteja presente tanto na carta quanto nos ensaios.

De qualquer sorte, Sartre definiu de maneira assaz negativa os parcos consolos que restariam a um intelectual quando, por alguma razão, não podia exercer o seu *métier*. E, compreendendo esse texto como uma narrativa viática, não causaria espécie que ele tornasse mais literária a sua experiência naquele cargueiro, e as suas frases indicariam uma espécie de *dépaysement* (termo que poderia ser traduzido por desorientação¹⁶) que muitos viajantes afirmam ressentir: nesse caso específico, o seu país e o seu lugar lhe faltavam, e nada parecia ocupar essa lacuna, como afirmou o próprio Sartre: “Eu estou tão entre o céu e a terra que eu mal sei se realmente deixei Paris e que vou encontrar New York” (1983, p. 328). Contudo, esse homem irrequieto que Sartre sempre foi deveria, necessariamente, encontrar algo que lhe ocupasse o espírito durante esses dezoito dias de viagem, uma vez que ler, refletir e escrever eram uma impossibilidade.¹⁷ Então, quais foram as ocupações de Sartre no *Liberty Sheep*?

Em primeiro lugar, vinha o álcool: “Nós compramos *cognac* e nos embebedamos um dia a cada dois” (Sartre, 1983, p. 328). Isto não é, contudo, uma informação nova, posto que é conhecido o apreço de Sartre pelas noites da boemia parisiense, nas quais ele e o seu entourage ficavam embriagados, e, por vezes, cediam à tentação da violência¹⁸. Além disso, e para além das drogas legais, são conhecidas as experiências que ele havia realizado com mesalina por ocasião da redação do seu ensaio sobre Psicologia intitulado *L'imaginaire* (mas, claro, isto ainda era “trabalho”)¹⁹. De qualquer sorte, é curioso como ele narra que, uma noite, tendo sido constatado o seu desaparecimento no cargueiro, todos passaram a procurá-lo, enquanto ele adormecia completamente embriagado em um barco salva-vidas. E essas aventuras terminavam com uma confissão sem pudor: “Não me lembro do resto, o que sempre acontece quando eu bebo” (Sartre, 1983, p. 330.). Ora, a questão do álcool compareceu, igualmente, nos seus ensaios sobre os Estados Unidos da América. Em *U.S.A. Présentation* ele escreveu:

Há essas casas belas e limpas, esses apartamentos inteiramente brancos com rádio, poltronas, cachimbo no estojo, paraísos... Há, então, os moradores

desses apartamentos que, depois do jantar, deixam poltronas, rádio, mulher, cachimbo, filhos e vão se embriagar solitariamente em um bar próximo as suas casas (Sartre, 2003, p. 98).

Sartre, assim como na questão já aludida do *ennui*, interpreta a realidade norte-americana a partir da sua cultura, e, mais especificamente, da sua própria realidade pessoal: o norte-americano que se embriaga solitariamente é a própria antípoda do boêmio parisiense, para quem o álcool não serve de consolo, mas é um catalisador social. Ora, para quem possuía o seu próprio entourage, nada seria mais estranho do que a cena de um “pai de família” que deixa a ordem do seu lar (cuja descrição emblemática é o “cachimbo no estojo”) para se prostrar, sem companhia, em um balcão de bar. Curiosamente, a imagem icônica que mais se coaduna com a descrição realizada pelo autor francês é a pintura de Edwar Hopper intitulada *Nighthawks*, na qual se vê, em primeiro plano, um balcão de bar no qual um homem bebe solitariamente alguma bebida alcoólica. Não estamos afirmando, todavia, que Sartre conhecia essa pintura, apenas discorreremos sobre como uma representação — e como se trata de uma narrativa viática, talvez o termo mais pertinente seria o estereótipo — está presente nas mais diversas representações artísticas, e não apenas na literatura. De qualquer sorte, o nosso autor era um grande conhecedor do moderno romance norte-americano — e principalmente Dos Passos e Faulkner²⁰ (os tais “prismas deformantes” aludidos por Beauvoir) — e, portanto, já tinha algum conhecimento de certos aspectos da sociedade dos Estados Unidos da América.

Em segundo lugar, havia as relações amorosas.²¹ No cargueiro, bem distante das suas companheiras habituais, Sartre teve um rápido e confuso relacionamento com uma passageira, nomeada, simplesmente, como “Madame T.”, e que, segundo o nosso autor, era “a mulher do cônsul do Brasil” (Sartre, 1983, p. 329).²² Todavia, o filósofo guardou para ela frases, no mínimo, ambíguas: “Ela tem trinta e cinco anos, é bela e tem a sensualidade de uma dançarina hindu. Aliás, ela é estúpida e terrivelmente sedutora, querendo arrastar consigo o capitão, Angéli [francês radicado nos Estados Unidos da América], o pintor Baudin e o escritor” (Sartre, 1983, p. 329). A Simone de Beauvoir o filósofo (aliás, o “escritor” em questão) narrou uma noite

9 Esse artigo pode ser compreendido como uma “nota biográfica”, mas não como uma biografia de Sartre. Sobre as inevitáveis dificuldades do gênero biográfico Rober Major escreveu: “Sartre acreditava que não se podia ser biógrafo de um contemporâneo, porque não se podia compreendê-lo perfeitamente. Compreender o seu contemporâneo implicaria uma perfeita compreensão de si, e esta não é possível por causa da inevitável aderência a si, que é, igualmente, uma adesão a si. Poder-se-ia, igualmente, postular o contrário: compreender um biografado de outra época é totalmente impossível, uma vez que há a distância e a estranheza redibitórias, e que é necessário aderir ao seu objeto se se quer compreendê-lo e explicá-lo” (Major, 1997, p. 383). De qualquer sorte, envio o leitor a dois “abnegados”, autores de duas alentadas biografias de Sartre: Bernard-Henri Lévy e a já citada Annie Cohen-Solal.

10 Em *Individualisme et in-conformisme aux États-Unis* ele afirma: “Essa América, talvez tenha sido um sonho. Em todo caso, eu serei honesto com o meu sonho: eu o exporei tal como o tive” (Sartre, 2003, p. 59.). Por outro lado, se concordarmos com Guyard, Sartre tornou-se, ele mesmo, uma personagem: “Atualmente, não haverá um ciclo de feitos existenciais, do qual Jean-Paul Sartre é o herói involuntário?” (1956, p. 60).

11 A esse respeito, ver: Belzgaou, 2008.

12 “Aliás, eu não tenho enjoo e, contudo, o barco dança e balança terrivelmente, é, simplesmente, uma questão de vontade” (Sartre, 1983, p. 328.).

13 Esse texto seria publicado no ano de 1946 em *Les temps modernes* e retomado em 1949 na coletânea *Situations III*. A esse respeito, ver: Contat; Rybalka, 1970.

14 Sobre a fortuna crítica desse sentimento nas letras francesas, ver: Benjamin, 2007.

15 Simone de Beauvoir faz referência aos “prismas de...continua próxima página...

passada com a “esposa do cônsul do Brasil”: “Eu não sei direito o que aconteceu, mas eu acordei na sua cabine e uma pequena cubana que dormia no leito acima me disse: ‘Se eu fosse Madame T. eu teria lhe esbofetado’” (Sartre, 1983, p. 329). Ao cabo de alguns dias agitados, de rompimentos e reatamentos posteriores, Sartre finalmente desistiu da relação, imaginando que era apenas o “número dois” de uma lista que não era muito curta. Além disto, ele pensou que tal relação era uma injúria em relação a Dolorès Vanetti, que o aguardava em New York, o que não deixa de ser um sentimento curioso em quem sempre cultivou, sem culpa, relacionamentos não exclusivos. Todavia, é mister admitir que, por vezes, a relação dos franceses com a “corte amorosa” é quase um clichê, ou, se preferirem, um estereótipo. No ensaio *Individualisme et conformisme aux États-Unis* Sartre assim narrou o seu encontro com um compatriota exilado em solo norte-americano:

Ele se crê obrigado, em certos momentos, a me dizer enviando piscadelas malandras: ‘Ah! Ah! Nova Orleans, belas mulheres!’ Mas fazendo isto ele obedece mais à representação que se faz na América do francês do que ao desejo de criar uma cumplicidade com um patriota (Sartre, 2003, p. 60).

Mas, devemos afirmá-lo, o próprio Sartre, que na época já era famoso, e, portanto, sabia que as suas cartas seriam, em algum momento, publicadas²², não agia de maneira muito diferente ao narrar as sua atribulações amorosas, posto que ele, dessa maneira, correspondia a um estereótipo com o qual os franceses são usualmente conhecidos.

Em seguida, havia os seus companheiros de viagem, com quem Sartre partilhava o gosto pelo álcool e pelas conquistas amorosas. Porém, apesar das afinidades, ele reservou-lhes palavras duras: “São todos *pétinistes*²⁴ e colaboracionistas, vários deles sonham com uma boa ditadura na França, e têm reflexões que fazem arrepiar os cabelos (...)” (Sartre, 1983, p. 329). Segundo Sartre, era esta a “apavorante humanidade” com quem, com o fim da Guerra – que a tudo simplifica, separando os homens em dois grandes grupos, “nós” e “eles” – teria que conviver. E apenas alguns poucos escapavam desse espectro “apavorante”: havia Riboud, denominado por Sartre “pintor de

domingos”; Angéli, “profundamente conservador”, mas um “cara legal”; e Barthélemy, um médico que “come por quinze”. E ainda segundo Sartre, eles se nomeavam, jovialmente, de “Bureau existencialista” (Sartre, 1983, p. 329).

Foi um deles, Riboud, o responsável, no início de 1946, por lhe fazer compreender um pouco melhor o país que ele visitaria: “Eu começo a sentir New York. Os outros também. Começamos a nos contar histórias sobre a América, pressionamos Riboud para que nos faça uma conferência sobre a vida americana (iniciação dos franceses)” (Sartre, 1983, p. 330). Ao menos aparentemente, o *ennui*, a *nausée*, o estado de embriaguês e as conquistas amorosas cederam o lugar à expectativa de, finalmente, após dezoito dias no mar, chegar ao destino. E graças ao francês para quem os Estados Unidos eram o país de eleição, ele chegaria um pouco mais bem preparado do que na primeira vez em que pisou em solo norte-americano, quando tinha como informação apenas a chamada alta literatura – e, nesse caso, como já escrevemos, principalmente Dos Passos e Faulkner –, a literatura infanto-juvenil da infância e as imagens icônicas do cinema. De qualquer sorte, em termos de conhecimento de um país, nada poderia suprimir as marcas de todo viajante em terras estrangeiras, que são o espanto e a surpresa, *topoi* clássicos das narrativas viáticas. E foi com esse espírito de viajante que Sartre desembarcou em New York, cidade que seria objeto da sua pena anos mais tarde, quando finalmente remanejou as já citadas reportagens transformando-as em alentados ensaios.

Últimas considerações

À guisa de conclusão permitir-nos-emos algumas observações suplementares. A primeira diz respeito ao *ennui* que o nosso autor confessa ter vivenciado a bordo do cargueiro. Ora, ao fazê-lo Sartre obedecia às regras da escritura de uma narrativa de viagem, ao colocar em cena, justamente, um dos seus mais famosos *topoi* (que é, como já escrevemos, assaz recorrente em boa parte das letras francesas dos séculos passado e retrasado). Além disto, não estaríamos longe da verdade se afirmássemos que o filósofo, tendo viajado pela segunda vez ao continente norte-americano em uma embarcação – e não como o fez em 1945, em um avião – repetia o destino de

...continuação nota 15...

formantes” com os quais a sua geração descobriu a mítica “América”: “Todos os romances americanos tinham ainda outro mérito: mostravam-nos a América. Esse país, só o víamos, por assim dizer, através de prismas deformantes, nada compreendíamos dele, mas com o jazz e com as fitas de Hollywood entrara em nossas vidas” (Beauvoir, 1984, 141). Não estaríamos longe da verdade se afirmássemos que se compreende uma cultura estrangeira a partir, justamente, da cultura que se possui.

16 Servimo-nos do termo em Francês porque neste há a presença da palavra *pays*, que nesse idioma pode significar tanto país quanto região. *Dépaysement* seria, então, sentir falta do seu país ou da sua região de origem.

17 Ainda assim, ele escreveu uma longa e minuciosa carta a Simone de Beauvoir... Ora, é o literário de todo gênero: “Em 1983, quando os ‘escritos íntimos’ de Sartre, suas *Lettres* e seus *Cahiers*, foram publicados, pareceram ressuscitar Sartre ao natural. Ou quase, pois um escritor, segundo Sartre, não tem natureza! Tão jovem e divertido que ele tenha se mostrado, ele ainda representa, evidentemente: ‘Talvez eu tenha colocado ali um pouco mais de alegria ou de lirismo que se coloca escrita a um leitor qualquer quando não se é um escritor’” (Idt, 2005, p. 18.).

18 Em uma carta a Simone de Beauvoir escrita em 1948, Sartre comenta: “Merleau-Ponty. Esbofeteou Scipion na casa dos Leibovitz. Colocou toda a culpa desse gesto feito em estado de embriaguez no fato de não ter se alimentado” (Sartre, 1983, p. 343).

19 Como nos narra a sua filha adotiva, Arlette Alkaïm-Sartre, na Apresentação do ensaio *L’imaginaire*: “Contudo, a imagem da alucinação perturbou durante muito tempo o autor do *L’imaginaire*: pode-se falar de intencionalidade a respeito da alucinação, quando, na realidade o afetado parece recebê-la, sofrendo-a e a temendo? Sartre debateu a questão com o psiquiatra ...continua próxima página...

muitos escritores do século XIX, que faziam longos trajetos pelo mar. Naquele período, as viagens, assim como o tempo, possuíam outra densidade. Uma terceira observação refere-se a sua relação com a “mulher do cônsul do Brasil”, a quem Sartre reservou palavras em nada lisonjeiras. Ora, nesse conjunto de cartas ele descreveu comportamentos de algumas das suas companheiras que eram em muito semelhantes aos da “Madame T.”, sem que isso, contudo, lhe tenha importado muito ou fosse objeto de censura. Nesse caso, poderíamos afirmar que talvez o nosso autor tenha caído na quase inevitável tentação do estereótipo (nesse caso, o da “mulher-latina-sensual”), que é, aliás, um *topos* recorrente nessa literatura: como compreender em um lapso temporal curto a alteridade radical do outro, o *estrangeiro*, senão a partir de um “esquema mental” pré-estabelecido?

Outra questão importante, e que talvez seja o cerne desse artigo, é o próprio caráter epistolar do nosso objeto de estudo. Ora, pode parecer que, ao publicar as cartas, Simone de Beauvoir tenha violado a intimidade do seu companheiro, ao tornar de conhecimento geral alguns detalhes da sua vida privada que eram, para dizer o mínimo, embaraçosos. Contudo, Sartre era uma pessoa pública que fazia bem pouco caso da sua privacidade, o que é curioso – e transgressor – se pensarmos no sigilo quase absoluto e consensual que paira, na França, sobre as pessoas que adquirem certa notoriedade²⁵. Por outro lado, o nosso objetivo, muito distante de fazer uma espécie de *cronique mondaine*, era lançar alguma luz sobre um curto lapso temporal da vida da personalidade que escreveu trinta e duas reportagens em solo norte-americano e que viria, posteriormente, a remanejá-las transformando-as em quatro conhecidos ensaios.

Seria importante afirmar, igualmente, que ao viajar e narrar a sua aventura (da qual, nessa literatura, o trajeto representa um papel em nada desprezível) Sartre se colocou em uma tradição literária francesa secular: a do viajante-escritor que faz com que, a partir dos seus relatos, os seus compatriotas possam compreender um país e uma cultura estrangeiras; e nos referirmos tanto aos quatro ensaios quanto às trinta e duas reportagens que estavam na sua origem. E nessa tradição do escritor-viajante não faltam exemplos, mas contentar-nos-emos em citar

alguns poucos: Ronsard nos Países Baixos e na Itália, Montaigne, Rousseau e Voltaire na Inglaterra, Racine na Bulgária e Baudelaire na Bélgica (Guyard, 1956, p. 66).²⁶ E no século XX tivemos Sartre nos Estados Unidos da América, país, contudo, do qual se afastaria paulatinamente a partir dos anos 1950, quando agir – e agir politicamente em uma ação engajada – tornou-se para esse filósofo mais importante que narrar. Não cabe na trama desse artigo analisar as razões dessa mudança intelectual, mas seria importante salientar que a “América mítica”, o país do progresso, o país das grandes distâncias que salvou o Ocidente do Fascismo teria se tornado, pouco a pouco, o país ao qual ele guardou o epíteto, mais tarde, de “negrófobo”²⁷, e cujas políticas intituladas de “imperialismo” e de “neocolonialismo” ele teria lastimado.

Nesse sentido, após duas viagens frutíferas e do-cumentadas, uma página da sua trajetória afetiva e intelectual com os Estados Unidos da América havia sido virada. Afetiva, porque o seu relacionamento com Dolorès Vanetti, que havia sido a sua guia durante a primeira viagem, e que havia conseguido as conferências que lhe haviam custeado a segunda, tinha tido o seu desfecho final, isto é, a separação definitiva. E intelectual, uma vez que as suas posições políticas no pós-guerra lhe impediam de transigir com as políticas do governo norte-americano. Um bom exemplo disto é a sua desistência em proferir cinco conferências, no ano de 1965, na prestigiosa – e liberal²⁸ – Cornell University, após já ter concordado com o convite (Ferri, 2009, p. 137). Ora, Sartre desistiu depois dos bombardeios realizados pela força aérea norte-americana em solo vietnamita, e, sobretudo, depois da publicação dos resultados de uma pesquisa do Instituto Gallup, segundo a qual apenas 20% da população daquele país reprovavam essa política; para o nosso autor, então, “nenhum diálogo era possível” com um país cujo governo teria, com o apoio da sua população, assumido uma “política imperialista”²⁹. Todavia, não deixa de ser interessante observar que a sua primeira viagem aos Estados Unidos da América ocorreu em meio a uma guerra, e que, vinte anos depois, outra guerra veio não unir, mas separar, e definitivamente, Sartre e a “mítica América”, e, dessa vez, nenhuma carta, reportagem ou ensaio mudaria a inexorabilidade desse destino.

...continuação nota 19...

Daniel Lagache, seu antigo colega da Escola Normal, que havia acabado de escrever *As alucinações verbais* e a palavra. Então, ele decidiu fazer de si mesmo objeto de experiência: sob a supervisão de Lagache, ele se administrou uma injeção de mescalina, uma substância alucinógena, fiel a sua decisão de se manter o mais próximo possível do concreto" (Sartre, 2005, p. X.).

²⁰ Sartre dedicou dois ensaios a esses romancistas norte-americanos: *Sartoris*, de William Faulkner e *Sobre John dos Passos e 1919*, ambos publicados na coletânea *Situações I* críticas literárias.

²¹ Naquele período Sartre entretinha cinco companheiras: Simone de Beauvoir, uma atriz chamada, simplesmente, de Tania, outra atriz, Simone de Jolivet, Dolorès Vanetti e uma jornalista norte-americana nomeada, nas cartas desse período, de "la petite". Segundo o seu biógrafo Bernard-Henri Lévy, Sartre, no seu período maduro, mantinha uma agenda (talvez pela gradual perda de memória) com os dias a que se dedicaria a cada uma das suas companheiras. A este respeito ver: Lévy, 2000.

Referências bibliográficas

Belzgaou, Virginie. *Les récits de voyage*. Paris: Gallimard, 2008.

Benjamin, Walter. *Passagens*. Trad.: Aron, Irene; Mourão, Cleonice Paes Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

Boutier, Jean. *Le Grand tour: une pratique d'éducation des noblesses européennes (XVII-XVIII siècles)*. Em: Babel, Rainer; Paravicini, Werner (Orgs.). *Grand Tour. Adeliges Reisen um europäische Kultur vom 14 bis zum 18 Jahrhundert. Akten der internationalen Kolloquien in der Villa Vigoni*. 1999, Deutschen.

Brunel, P.; Pichois, CL. e Rousseau, A. M.. *O que é literatura comparada?*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

Cohen-Solal, Annie. *Sartre 1905-1980*. Paris: Gallimard, 2005.

Contat, Michel; Rybalka, Michel. *Les écrits de Sartre*. Paris: Gallimard, 1970.

Contat, Michel. *Sartre l'invention de la liberté*. Paris: Textuel, 2005.

Ferri, Laurent. *Deux coups de Théâtre*. Em: *Labyrinthe* [En ligne], n. 32, 2009, URL: <http://labyrinthe.revues.org/4009>. Acessado em 13 de março de 2014.

Guyard, Marius-François. *A literatura comparada*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1956.

Lévy, Bernard-Henri. *O século de Sartre*. Trad.: Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

Major, Robert. *Écrire une vie*. Voix et Images, vol. XXII, n° 2(65), 1997.

Sartre, Jean-Paul. *Lettres au Castor et à quelques d'autres. Édition établie, présentée et anotée par Simone de Beauvoir (1940-1963)*. Paris: Gallimard, 1983.

_____. *Situations III*, Paris: Gallimard, 2003.

_____. *L'imaginaire*. Paris: Gallimard, 2005.

_____. *O que é literatura*. Trad.: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.

_____. *Situações I críticas literárias*. Trad.: Cristina Prado. São Paulo: Cosacnaify, 2005.

Notas (continuação)

²² Não se trata de fazer, nesse artigo, uma espécie de crônica mondaine, mas Sartre não teria se enganado em relação ao cargo diplomático do marido de Madame T.?

²³ Corroborar essa nossa hipótese o fato de que ele, nas cartas, utilizava letras aleatórias para se referir a pessoas que preferiam, certamente, permanecer no anonimato, como é o caso de Madame T.

²⁴ Seguidores do General Pétain que, com a derrota da França, instaurou na cidade de Vichy um regime que colaborava com os nazistas. Com o fim da Guerra Pétain (que era um herói da Primeira Guerra) foi sentenciado à morte, e, posteriormente, indultado. É-lhe atribuída uma célebre frase: "Franceses, vocês têm a memória curta."

²⁵ Por exemplo, a imprensa francesa foi asperamente criticada pela imprensa anglo-saxã por jamais ter tornado público o suposto caráter "predatório-sexual" de Dominique Strauss-Kahn, ex-diretor do FMI. Outro exemplo dessa tentativa de discrição: Simone de Beauvoir foi muito criticada por ter narrado, no seu livro *A cerimônia do adeus*, a decadência física de Sartre nos seus últimos anos, quando já sofria, entre outros males, de incontinência urinária.

²⁶ Mas essa não é, obviamente, uma tradição exclusiva a França, e sempre se viajou nos continentes e entre estes. A respeito das viagens antes da emergência do turismo, ver: Boutier, 1999.

²⁷ "Enquanto isso, o anti-semitismo e a negrofobia dos americanos, o nosso colonialismo, a atitude das grandes potências em face de Franco conduzem a injustiças menos espetaculares, porém visam também perpetuar o atual regime de exploração do homem pelo homem" (Sartre, 2004, p. 210).

²⁸ "Ele [Desmores, responsável pelo convite feito ao filósofo] queria que Sartre considerasse os avanços sociais dos Estados Unidos, notadamente sobre a 'questão social': Cornell pretendia dar o exemplo com a sua política voluntarista em relação às 'minorias', que permitiu, de fato, que mais de 250 estudantes negros e porto-riquenhos se inscrevessem em 1961. A administração via com bons olhos corajosos estudantes, brancos e negros, partirem para o Sul nos 'Freedom Buses'. Eles iam manifestar contra a segregação e contra o Ku Klux Klan, à vezes colocando em risco as suas próprias vidas: em 21 de junho de 1964 um deles, Michael Schwerner, foi assassinado na periferia de Filadélfia, Mississippi, por ter contribuído para a inscrição de dezenas de negros nas listas eleitorais" (Ferri, 2009, p. 143 – tradução nossa do Francês para o Português).

²⁹ Naquele mesmo ano, inúmeras manifestações contra a Guerra do Vietnã ocorreram nos campi da Cornell University, e Sartre, assim como já ocorrera com o seu firme engajamento favorável ao regime stalinista, teria cometido um erro de julgamento: a partir de então, os protestos contra a política do governo norte-americano em relação ao país asiático não cessaram de crescer nos Estados Unidos (Ferri, 2009, p. 137).